




XVII ENANPUR

SÃO PAULO • 2017



Deslocamentos entre o Direito à Cidade e a urbanidade contemporânea: crianças e suas corporalidades

Deslocamientos entre el Derecho a la Ciudad y la urbanidad contemporânea: niños e sus corporalidad

*Carolina Mesquita Clasen, PROGRAU/UFPeI,
carolina.mescla@gmail.com*

*Eduardo Rocha, PROGRAU/UFPEL,
amigodudu@yahoo.com.br*

RESUMO

Partindo das produções teóricas de 1960 e 1970, a escrita percorre bases conceituais críticas ao modernismo. No contexto urbano da modernização retardatária em que estamos inseridos no Brasil, observa-se a repetição dos mesmos processos ainda em matrizes tecnocratas. A apropriação urbana e sua transformação saltam dos urbanistas e buscam outras alturas para os olhos, outras perspectivas para serem ditadas. A ditadura antropocêntrica do cotidiano em seu positivismo vetor delimita o espaço público, e esta regra é aplicável para quase todos os espaços que a criança habita. Propondo a inversão do enunciado de uma experiência urbana que participa da formação da criança e transformá-lo, para que a criança faça parte da formação do que é público. Em um paradoxo niilista heterotópico, a pesquisa busca corpografar as corporalidades do urbanismo contemporâneo. Não é só sobre movimento, é sobre *mouvance*. Os processos experienciados por crianças demonstram descaminhos possíveis para emancipação, apropriação e invenção: aqui e agora, temporalidades contemporâneas.

Palavras Chave: urbanismo contemporâneo, contemporaneidade, direito à cidade, crianças, cartografias urbanas

RESUMEN

A partir de los tratados teóricos de 1960 y 1970, la escritura se ejecuta bases conceptuales crítica a la modernidad. En el contexto urbano de modernización tardía en el que operamos en Brasil, hay repetición de los mismos procesos todavía tecnocratas matrices. la propiedad urbana y su transformación salto de urbanistas y buscar otras veces para el ojo, otras perspectivas a ser dictadas. La dictadura antropocéntrica de la vida cotidiana en su positivismo vector define el espacio público, y esta regla se aplica a casi todas las áreas que vive el niño. Proponiendo el opuesto a la afirmación de una experiencia urbana que participan en la educación del niño y convertirlo para que el niño es parte de la formación de lo que es público. En una paradoja nihilista heterotópico, la investigación busca corpografar la corporeidad de la vida contemporánea. No se trata sólo de movimiento, se trata de *mouvance*. Los procesos que experimentan los niños demuestran posibles desvíos por la emancipación, la apropiación y la invención: aquí y ahora, la temporalidad contemporánea.

Palabras Clave: urbanismo contemporáneo, contemporaneidad, derecho a la ciudad, niños, cartografias urbanas

INTRAURBANIDADES POSSÍVEIS EM HENRY LEFEBVRE E HÉLIO OITICICA

Corpo outro para outro *corpus*. Numa dada tropicália mundana, se assim podemos chamar experiências mundo afora nas décadas de 60 e 70, a discussão girava em torno da apropriação. A pretensão da denominação é por acreditar que em diferentes lugares do mundo havia movimentos estéticos culturais que produziam para uma revolução ética, deixando de lado a das armas. *A Revolução Urbana (1968)* que Lefebvre enunciava em uma anti-estagnação para a potência do pensamento acerca das singulares circunscrições urbanas compreendia os modos de produção como um lugar subjetivo, antes mesmo da ação cotidiana. Desta mesma forma, Hélio Oiticica propunha *Manifestações Ambientais (1968)* como experiência crítica para habitação e estética daquele momento. Na correlação de ambas as produções são constatadas "novas objetividades" e é este o mote para a pesquisa em andamento. Quais os deslocamentos possíveis na contemporaneidade entre uma coisa e outra? Da educação às bienais de arte, encontram-se receituários de pensamento que criticam os espaços consolidados e não encontram catalisadores para os limites dos modos de produção vigentes. Desta forma, delineados sob corpos infantis - recorte censitário de até 12 anos -, busco o que os anos dois mil romperam em processos subjetivos tangentes à modernidade estrutural.

Com percursos e percalços esta perambulação urbana começa à espreita de um grupo de vinte e três crianças. Uma escola pública localizada próxima à galeria propunha encontros assíduos com o calendário de exposições de arte. O que singulariza estes grupos dos outros tantos em trânsito é, além destes encontros de arte, o quanto eles compõem-se de maneira própria, heterogênea e coletiva. Quase como um plasma hermético. Uma conformação heterogênea em seus sentimentos, mas não em seus sentidos por se habitarem e construírem sem um limite entre as duas ações, exatamente como atentava Heidegger. E nestes movimentos de idas e vindas, entre a galeria e a escola, o espaço urbano protagonizou diferentes produções de pensamento crítico, autônomo, artístico e político. A espacialidade contemporânea, ainda que enunciada pelo tecnocentrismo, positivismo e racionalismo, pautada nas relações éticas atuais, estetiza um cotidiano avesso às órbitas modernizantes.

A parangoleização urbana não é parte do programa de necessidades dos planejadores do poder público, nem hipóteses da academia. Isto explica parte dos produtos em diferentes áreas da arquitetura e do urbanismo que reafirmam o capital e o neoliberalismo em todos os seus fracassos - muros, estacionamentos, condomínios fechados, etc. Para isso, uma proposição:

A antiarte é, pois, uma nova etapa (...); é o otimismo, é a criação de uma nova vitalidade na experiência humana criativa; o seu principal objetivo é o de dar ao público a chance de deixar de ser público espectador, de fora, para participante na atividade criadora. É o começo de uma expressão coletiva. (OITICICA, 1986, p.82)

E, em Lefebvre:

A ruptura voluntária das codificações do espaço, a irrupção da fecundidade natural e cósmica, engendra uma extraordinária "infinetização" do sentido, uma vertigem. Aquém dos simbolismos aceitos, além das significâncias correntes, se exerce uma potência [força] sacralizante que não é a do Estado, nem a da Igreja, nem a do artista, nem a da divindade teológica, mas a da naturalidade, identificada audaciosamente à transcendência divina. Uma heresia modernizada desorganiza as representações do espaço e as metamorfoseia em espaço de representação onde as palmeiras, as frondescências, dizem [exprimem] o divino. Donde uma virtual erotização

ligada à sacralização de um gozo cruel, erótico-místico, inverso e reverso da alegria. (LEFEBVRE, 2000, p. 183)

A apropriação cotidiana foi o mote das duas criações, uma apropriação da antirrelação estruturante neoliberal que configura outros efeitos para o que é público. A construção dos espaços urbanos e artísticos não está para o público como espacialidade, senão como consumo. Quando Oiticica adentra o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ) em 1965 com a bateria da Escola de Samba da Mangueira, a transgressão não acontece enquanto uso do espaço, mas produção subjetiva das condições estabelecidas por uma *vernissage*. Numa literal *parangoleização* da arte. E nesta mesma discussão da *anti-obra* Lefebvre denomina: *valor de uso*. Porque diz de relações urbanas em outra escala, um uso político do espaço já que é a arquitetura que enuncia a produção de espaço para contestar ou reafirmar o *status quo*. "Com a razão cartesiana, o espaço entra no absoluto. Objeto diante do Sujeito, "res extensa" diante da "res cogitans", presente nesta, ele domina, porque os contém, os sentidos e os corpos."

A movimentação que dá acesso às intraurbanidades e, em contato mais profundo com Lefebvre, confirma a disposição em aleatoriedades suficientes para não corresponder a uma lógica moderna, senão às multiplicidades. Porque, em suma, o modernismo havia dado errado. Isto lá nos idos da década de 70, quando já as movimentações situacionistas contestavam esta conformação; agora nos anos dois mil somos a escória do erro estrutural e estruturante. O objetivo está então em cartografar esteticamente, permitir o aleatório, o impulso, o intempestivo, para percorrer em devir-criança (DELEUZE, 1997) as estruturas urbanas e escapar de interpretações similares.

CONTRA-ESPAÇOS METODOLÓGICOS

Na década de 70 Hélio Oiticica transgride, primeiro, uma espacialidade historicamente elitista que as galerias e museus não conseguiram romper mesmo com a criação das ações educativas dos anos 1990, por exemplo. Quando criado, o educativo dos museus é discutido criando categorias de visita guiada, orientada ou mediada. A mediação artística (PUPO, 2011) é então uma proposição a meio caminho, sem orientações e guias.

Com a ocupação dos encontros, transmutado do monitor da galeria de arte, o mediador artístico é agente do contato com a criação, acessando leituras e críticas artísticas mais próximas da perspectiva do espectador ativo (RANCIERE, 2007), não apenas como avaliação estética baseada na matriz grega. Estes procedimentos metodológicos serão indispensáveis para a construção de uma perspectiva urbanística outra discutida nesta escrita, já que as corpografias serão norteadas por deslocamentos de escolas entre instituições de ensino e instituições de arte. Partindo de um recorte etário, a escolha da abordagem contra-espacial está atrelada à mediação artística que é proposta pelo Grupo Patafísica: Mediadores do Imaginário, sendo utilizada como vetor para as corpografias (JACQUES, 2008) das urbanidades contemporâneas.

Abarcando uma espécie de metodologia do instante, do que acontece entre, que se dá no encontro dos corpos, no habitar dos espaços, na resistência criadora. O grupo, caracterizado como projeto de pesquisa e extensão, é o setor educativo residente da Galeria A Sala (Centro de Artes/UFPEL); composto por olhares das artes, memórias da antropologia, convivências com a filosofia e descontinuidades do cinema, desenvolvendo a mediação artística. Uma visita propositiva à galeria que tem como objetivo, mais que propor ou informar os aspectos poéticos da obra, mas produzir processos de subjetivação. Para além do plano intensivo (DELEUZE, 2010) e da construção habitada pela arte contemporânea, há o Acolhimento. Importante fator metodológico,

os enunciados de chegada no espaço expositivo - historicamente elitista - opera uma postura do mediador que recria este espaço quando estilhaça a corporeidade resultando em nós de nós, trazendo a estranheza como forma de acolhimento mudando o ponto de partida de encontro ético e estético. Esta metodologia patafísica possui o mesmo suporte das análises de Vinícius Netto (2010) de causa e efeito em arquitetura e urbanismo. Assim, o *modus operandi* da pesquisa descarta as análises explicativas para acessar o campo exploratório a fim de construir corporalmente estas disfunções heterogêneas. Pés descalços, contramovimentação, direções contrárias numa tentativa de trazer à materialidade a obra, compor-se com algo que instigue os espectadores emancipados, espectadores heterogêneos, múltiplos, de acordo com as conversas dos processos artísticos vigentes na exposição. Estas são algumas características das mediações artísticas e desestruturas no acolhimento da/na/com a Galeria A Sala, que vetoriza a visita à galeria e nesta pesquisa é utilizado como método em seus deslocamentos no espaço urbano entre a escola e a exposição. Mantendo, desta forma, perspectivas que se afastam de uma dialética pormenorizante da pluralidade dos olhares, pois é coletiva, deforma e reinventa a obra visitada, no mesmo sentido da escrita de Spinoza (2009) quando propõe atravessamentos de naturezas diversas, que está dialogando do ponto de partida de uma ética do encontro. Esta ética (SPINOZA, 2009), que constantemente ressignifica-se, experimenta os mais diversos enunciados corpóreos numa relação adversa à transmissão de conhecimento hierárquica e polarizada, informativa, potencializando este corpo em devir para a apropriação crítica da partilha sensível da arte.

Nestas condições, perambularemos o espaço urbano como mediador a fim de perceber a escolarização corpórea homogeneizante dos espaços como materializantes discursivos. Deslocamentos de crianças que estão cursando até o 5º (quinto) ano da primeira metade do ensino fundamental, com média de 12 (doze) anos para propor que percebamos sob esta ótica epidérmica a urbanidade dada. Intraurbanamente atuar no limiar da estrutura a fim de transbordá-la, porque não há uma negação generalizada da modernização. A escolarização dos sujeitos contemporâneos está alicerçada sobre o modernismo nas mais diferentes esferas, diante desta escala seria, no mínimo, romântico buscar um rompimento total destas estruturas subjetivas. Durante a década de 1970, na Universidade de São Paulo, Mayumi Lima demonstrava em espaços escolares distintos ações escolarizantes e seus efeitos sobre o modo de vida. A contra-espacialidade metodológica é, antes do questionamento da edificação, o questionamento da disposição do corpo através da retórica arquitetônica e urbana que incide na cotidianidade e nas relações de educação diretamente. Durante seus estudos, Mayumi apresenta a subjetividade espacial das escolas:

“A organização e a distribuição dos espaços, a limitação dos movimentos, a nebulosidade das informações visuais e até mesmo a falta de conforto ambiental estavam e estão voltadas para a produção de adultos domesticados, obedientes e disciplinados – se possível limpos -, destituídos de vontade própria e temerosos de indagações.” (1989, p. 10)

A disposição urbana planejada, antes mesmo de discussões mais acirradas acerca de seus componentes morfológicos, tem possibilitado dentro dos circuitos dos urbanistas, uma discussão política para o enfrentamento de obras sem planejamentos e, principalmente, de planejamentos sem obra. Quando a regulamentação da política urbana de consolida, como através do Estatuto da Cidade em 2001 por exemplo, os anos dois mil acirram a disputa por uma “participação” no planejamento. Através de uma logística universalizante de ações políticas, a máquina pública não discute as relações constituídas através da dita participação de audiências públicas e outros instrumentos do estado. Com isso o cidadão, historicamente espectador da vida pública, não constitui efetivamente o que lhe pertence diante destas condições.

São estes corpos escolarizados que espacializam estruturas escolarizantes posteriormente. Arquitetos e urbanistas, artistas, educadores, monitores e, sobretudo, cidadãos adequados às proporções corbusianas e endurecidos frente à demanda do capital de tempo e espaço. Diante de uma possível ruptura do tempo que a contemporaneidade tem chocado à nossa pele, para produções adversas não apenas em sua materialidade para uma vida menos vinculada ao produto. A preocupação das ações metodológicas corpográficas está, principalmente, em trazer dados singulares destes sujeitos escolarizados para escapar dos discursos universalizados, genéricos. A transformação estética e ética trazida neste artigo inicialmente, com referência no movimento tropicalista, foi profundamente discutida por Félix Guattari (2012) ecológica e, sobretudo, socialmente:

Em cada foco existencial parcial as práxis ecológicas se esforçarão por detectar os vetores potenciais de subjetivação e de singularização. Em geral trata-se de algo que se coloca atravessado à ordem “normal” das coisas – uma repetição contrariamente, um dado intensivo que apela outras intensidades a fim de compor outras configurações existenciais. Tais vetores dissidentes se encontram relativamente destituídos de suas funções de denotação e de significação, para operar enquanto materiais existenciais descorporificados. (GUATTARI, 2012, pg. 28)

O artigo quer dizer de movimento, tratando de composições, de um posicionamento em órbita como estabelecimento de diálogo entre os agentes do encontro: arte, educação, contemporaneidade, espaços urbanos e expositivos. Dando forma a um lugar que está dado na relação destes agentes, analisando a potencialidade da interseção, transformando formas criadoras que constituem um entre-espaço não estagnado. A estagnação é o ponto de partida para o contra-movimento, já que a metodologia patafísica não pressupõe um objetivo uno, não se pretende intermediária de explicações representativas, mas quer a apropriação da criação, do movimento, contendo uma infinidade de por menores componentes do ato contemplativo da arte, que está sempre em processo e reticente. Não há contradições, a explicitação da linguagem dos corpos é em si heterogênea, não contraditória e é neste sentido que a ação educativa busca significantes: nos não-ditos inconscientes trazidos à transitoriedade, proliferando indefinidamente a experiência da arte e da visitação – à galeria e ao corpo próprio. Para apontar a hierarquização do pensamento cartesiano pós-industrial como indutor das relações e espacialidades, é que a atenção volta-se ao corpo biológico. Para apreensão intrínseca do corpo urbano, o corpo. Docilizado, espacializado, deformado, empoderado.

Seria preciso fazer uma "história dos espaços" - que seria ao mesmo tempo uma "história dos poderes" - que estudasse desde as grandes estratégias da geopolítica até as pequenas táticas do habitat, da arquitetura institucional, da sala de aula ou da organização hospitalar, passando pelas implantações político-econômicas. É surpreendente perceber como o problema dos espaços levou tanto tempo para aparecer como problema histórico-político(...). (FOUCAULT, 1979, pg. 87)

Quando Foucault dedicou-se ao entendimento das microfísicas do poder, dissertou, sobretudo, acerca dos espaços. Delineamento corporal limitador de relações e indutor de trajetos. Das fábricas às escolas a distribuição de possíveis afecções se dão também pelo controle do tempo livre, do não-trabalho, das relações além fábrica. A Vila Operária Maria Zélia, no Belenzinho, em São Paulo em meados de 1920, propõe a criação de hábitos, enuncia desejos, gestualidade, orienta o comportamento dos sujeitos, define subjetividades, tempo e, acima de tudo, sociabilidade. A moralidade do discurso, herança atemporal, ainda acimenta a urbanidade contemporânea. A fim de superar o discurso moderno e espacialidades pós-industriais, acontece a

movimentação, movance em deslocamentos de corpos em devir-criança (DELEUZE, 1997). Mouvance é a denominação em francês que pesquisadores brasileiros ainda não encontraram tradução possível para a possibilidade que Guattari, em entrevista concedida, explica a movimentação em órbita, consonante aos acontecimentos e suas potencialidades; numa espécie de imersão territorial. A imagem a seguir mostra trecho de antigo bairro portuário que compõe os percursos das crianças até a galeria de arte (a Galeria A SALA está a esquerda da Figura 1 e à direita da Figura 2 – que mostra sua entrada):

Figura 1 - Vista percurso das ruas Alberto Rosa e Benjamin Constant, Bairro Porto - Pelotas-RS



Fonte: <https://www.google.com.br/maps> - Acessado em 24 de novembro de 2016.

Figura 2 - Vista percurso da rua Alberto Rosa onde está localizada Galeria A SALA, Bairro Porto - Pelotas-Rs



Fonte: <https://www.google.com.br/maps> - Acessado em 24 de novembro de 2016.

A humanização dos espaços de natureza, como nos diz Quaroni (1980) da condição da arquitetura ou a conformações efêmeras biopolíticas, como traz Igor Guatelli (2012) em "A arquitetura dos entre-lugares" são condições e condicionantes das relações intrínsecas à escolha, de forma subjetiva. A região escolhida está localizada na Zona do Porto, polo industrial falido que compõe histórica e materialmente a expropriação do ciclo econômico gerado pelas gestões da cidade, que não é regra administrativa apenas da cidade de Pelotas. Primeiro e não primitivo, pulsão e não impulso. Quando os contatos entre os organismos que compõem este trecho da cidade estão em vontades primeiras elas não estão menos objetivas senão menos objetivadas e é neste vértice que os processos corpográficos serão riscados. Paola Jacques, urbanista, cartógrafa e corpógrafa, parte da espetacularização das cidades para percepções corporais em microrresistências urbanas. A fim de perceber esta gestualidade resistente, denomina a cartografia inscrita no corpo: corpografias urbanas. A escolha da corpografia como metodologia atrelada aos métodos patafísicos está no entendimento destes corpos escolarizados, que quando na rua não estão apenas a caminho de um destino, mas em resistência direta como autoafirmação cidadã e ativa na construção das cidades. Sendo a urbanização um importante mecanismo de mediação das relações, a corpografia percebe estes movimentos coexistentes do espaço maior, não apenas um corpo intra-urbano, mas demasiado urbano. Em Deleuze (1997), o trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem o espaço urbano, mas com a subjetividade do próprio meio que é tão atrelada ao modo de produção, sendo ainda um reflexo dos transeuntes. O ato quase involuntário, o caminhar, corresponde ao principal procedimento para estas corpografias como dispositivo, traduzindo as formas de atuação do estado neoliberal para o corpo-espaço urbano.

Esta produção, sobretudo, abre brecha no esgotamento da produção teórica e crítica do urbanismo acerca das suas falhas e subjetivações tão atreladas ao modo de produção. Carrasco (2011), quando analisa o contexto de modernização brasileira, atento para o cuidado nas perspectivas adotadas para crítica urbana:

"O planejamento urbano, e seus resultados, não devem ser analisados apenas como conjunto de políticas públicas voltadas à regulação do processo de produção e apropriação do espaço urbano, mas sim como conjunto de políticas voltadas à regulação da reposição dos pressupostos do capital no contexto urbano."

As formas de apropriação do espaço público não serão projetadas enquanto estes lugares de criação forem contaminados com os mesmos processos de subjetivação de uma sociedade pós-industrial. É neste sentido que o planejamento urbano se alimenta, em uma atualização da máquina desejante (DELEUZE, 1995) e não dos desejos, da vontade de potência das corporalidades transeuntes. A hipótese é a de enunciar as espacialidades a partir de novas perspectivas, inclusive em sua criação primitiva. A formatação do pensamento deve perpassar algoritmos da filosofia, para reinventar a si e aos espaços. Não é novidade para as discussões da produção do espaço as intervenções da Internacional Situacionista, o que dá resultados corpográficos possíveis para o embazamento da desconstrução deste pensamento hegemônico de corpos e corpus. Através destes referenciais e agenciamentos, busca-se estruturação de diferentes momentos e espacialidades para a singularização dos significantes corpograficamente encontrados.

Derrida (SOLIS, 2015) dá nome a um lugar que está na linha tênue, pele, de contato com o outro. E somente neste lugar. Khôra é a relação. Mas não permite apenas ser a relação, é como o fazer coletivo do pensamento, quase fabulístico, de reinvenção de si no outro, no espaço, na obra. A galeria de arte habitada pela ação educativa, a obra, a nomenclatura do artista em questão e as temporárias ocupações dos corpos está em potencial espaço criador e criativo. Isto ocorre não só

pelas possibilidades da representação e interpretação da obra ou de um espaço que se expõe, um artista que se mostra, mas por estas imagens todas geradas nos olhos da pele e na moldura do artista, da obra. Diante deste olhar de justaposição, de aglutinação de relações, agrega-se às teorias da arte/educação os processos passantes na linha de contato da esfera público-privada: as calçadas. O espaço geográfico híbrido (MILTON SANTOS, 1996) contém uma significação sempre relativa, já que para esta pré-existência espacial sugira-se uma intrusão social em suas formas e objetos. Estes elementos estagnados no urbano e espaços de arte, não necessitam de uma mudança de lugar, pois estão sempre mudando sua função. O geográfico e o humano pressupõem-se um ao outro por significantes e dicotomias coexistentes. Com isso, para esta movimentação entre a materialidade, os sistemas de encontro estão para além de uma estrutura, mas não apenas.

EM *MOUVANCE*, UMA NOVA ABORDAGEM PARA A APROPRIAÇÃO URBANA

DEVIR-CRIANÇA E A INVENTIVIDADE INTRAURBANA

Intraurbano não está, é. Vinicius Netto (2013) aponta a dinâmica urbana a partir de seus instrumentos projetuais para discutir as relações, a intraurbanidade, possíveis no espaço público - que é segregador, ainda que múltiplo. A argumentação para os apontamentos do pesquisador são sobre o esgotamento de intervenções tradicionais como zoneamento e ocupação do solo, por sua padronização do uso, do estado do lugar e ausência histórica de análise posterior sobre seus efeitos. Teoricamente, as possibilidades adversas ao planejamento urbano partem de discursos sociológicos, artísticos e políticos; o que acarreta um circuito pouco rico de trocas e, tem consequência na ausência de novas materialidades. Com isso, como conhecimento agregador às práticas urbanas e acreditando no quanto estas áreas (sociologia, arte, educação) se interseccionam, o artigo agencia a concretude da ruptura do pensamento moderno buscando tais corpus na contemporaneidade urbana. Como maneira de não restringir as discussões à materialidade, mas aponta-lo sobretudo em sua construção abstrata. A perspectiva deleuziana para a produção do conhecimento é interlocutora destes agenciamentos possíveis:

O conceito é o contorno, a configuração, a constelação de um acontecimento por vir. Os conceitos, neste sentido, pertencem de pleno direito à filosofia, porque é ela que os cria, e não cessa de criá-los. O conceito é evidentemente conhecimento, mas conhecimento de si, e o que ele conhece é o puro acontecimento, que não se confunde com o estado de coisas no qual se encarna. Destacar sempre um acontecimento das coisas e dos seres é a tarefa da filosofia quando cria conceitos, entidades. Erigir o novo evento das coisas e dos seres, dar-lhes sempre um novo acontecimento: o espaço, o tempo, a matéria, o pensamento, o possível como acontecimentos. (1992, pg.46)

Período de visitas aberto e a escola é procurada para visita. O agendamento acontece a partir de um mediador artística e a ação educativa é quem cuida da programação de escolas e cronograma de visitas. Com horários previstos, o encontro na galeria de arte é corpografado já nas organizações em sala de aula. Com enunciados pregressamente articulados com a poética em exposição no espaço a ser visitado, a experiência junto da arte não começa apenas quando adentramos a galeria. É movimento, imersão e produção coletiva de territórios desterritorializantes (GUATTARI, 2012) escolares. Nesta escrita é apontada a trajetória entre a Rua Gomes Carneiro e a Rua Alberto Rosa. Com corpografias singulares de apreensão do percurso sem denominação das ruas, os apontamentos aconteciam em caligrafias diversas mas em despertares coletivos. A proposta: Queria que nós contássemos os dois colegas que não vieram para o passeio que caminho nós fizemos, sem anotar o nome das ruas. Como se fosse um enigma, o que denomina a rua é o que cada um de vocês mais gostar ou mais odiar naquela quadra. A enunciação apontava para a redescoberta dos espaços comumente transitados, visto território escola-bairro, com afecções e percepções que demandaram atenção ao deslocamento, ao cotidiano, à memória e ao território em constante dilatação temporal. Enquanto uns permaneciam em movimento por não estarem afetados diretamente por tal espacialidade, outros alargavam o tempo e o espaço para apreender aquele instante.

Figura 3 - Totem Ipiranga como dispositivo cartográfico-urbano



Fonte: acervo da autora (2016)

Figura 4 - Patrimônio como dispositivo cartográfico-urbano



Fonte: acervo da autora (2016)

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI e ROLNIK, 1986, pg. 323).

A identificação da leveza do corpo em devir, em descoberta, em inventividade se dá pelo contraste gestual que se manifesta com a chegada a outro espaço institucional: a galeria de arte. Com os braços junto ao corpo, o silêncio invade os visitantes e o que há alguns instantes era passeio vira marcha fúnebre, quando adentram a galeria de arte. Esta é uma postura moralizada que através dos procedimentos metodológicos se busca experimentar sob outros aspectos e buscar uma desconstrução, a partir de um configuração de novas referências ensimesmados nos corpos visitantes. São estas estruturas comportamentais que a rua, mesmo que reafirme a hierarquia, deixa brechas. O concreto pré-moldado guiado por linhas ora brancas, ora amarelas, além de ser meio é condição de relação. As relações da criança entre um espaço delimitado por instituições de arte e de educação estão pautadas em discursos impositivos, hierarquizados e submetidos sob

estas enunciações da lógica binária do Estado, o que é percebido sob os aspectos urbanos e também educativos.

Esse corpo, que é assimétrico, se ajusta e reinventa o espaço por habitá-lo em outra escala, sugerir novas proporções. O que começa a interessar então, nos deslocamentos, são materialidades cartográficas da ordem estética, sensível e ética. Com isso, experimentos para espaços público ganham programas de necessidades a partir de referenciais desconhecidos: o do habitante. Porque, é bem verdade, que as diferentes esferas - da acadêmica à política - que discutem o espaço público, já separaram habitar de construir, avessos às proposições de Heidegger, Oiticica e Lefebvre. Sabendo da dificuldade em receber turmas de escolas inteiras. Como o tempo de espera para a entrada no museu, poderia ser uma calçada-espera para parte da turma? O arquiteto e urbanista, junto ao curador de arte pensam o museu para quantas pessoas? A calçada espera?

Figura 5 -Pernas-de-pau como dispositivo cartográfico de estar



Fonte: acervo da autora (2016)

O devir em sua relação menor, a criança, é a possibilidade de interpenetração, de apropriação dos instantes, para a pesquisa é o mote de outras percepções de planejamento que sejam mais flexíveis e em escala humana, que estejam sob os corpos e não com estes submetidos à elas, deliberadamente. O deslocamento no espaço urbano partindo do espaço escola, que requer formação de condutas através de dois regimes, supõe a inventividade como lugar no devir. A mediação patafísica, atuante dos contra-espacos, exprime e institucionaliza este *para além de* como lugar, uma espacialidade que suporta a invenção, o vazamento estrutural, a fábula e torna-se ferramenta para o pensamento, questionando a operacionalização dele na contemporaneidade que partem apenas de estruturas sistêmicas.

Para outras conformações de lugar, temos a "dobra". Este é um conceito trazido por Deleuze constituído por quatro vertentes: Corpo, Poder, Saber e Espera (1988). Uma composição variada de forças dispõe estes desdobramentos do Eu, as relações que coexistem a um Corpo são parte das subjetivações dele. Estas relações componentes são acontecimentos à corporeidade para além dos gestos, mas como escolha gestual. Como se quando estas alterações ocorrem, dobrando, mapeássemos que tipo de pulsões constam neste encontro que compõem em unidade com espaço, obra e o já traçado plano imanente do artista expositor. A identificação da gestualidade vigente no encontro diz muito das pressuposições patafísicas para o ato de encontrar, que não estão atrelados à listas de visitantes mas à uma dada pulverização pluridirecional de subjetivações compostas constantemente. Quando percebemos o quanto estas ações estão entrelaçadas trazemos à consciência a carga semântica de uma monitoria, de um guia e, principalmente, da disposição dos corpos à discussão e apropriação das afecções concorrentes aos encontros na galeria de arte.

Estas alterações estruturais de flexão e curvaturas estão transformando o plano intensivo destes visitantes, acima de tudo das relações consigo e com o mundo. E durante a caminhada, cada desenho curvilíneo urbano compõe o movimento coletivo, aglutinados ao concreto armado. Estas configurações do caminho trazem, para o olhar patafísico, possibilidades que não surgem em espaços religiosamente delimitados; pois estes limites arquetônicos acabam por limitar o pensamento. Em Rancière, fica explícita esta delimitação do pensamento e como a performance, por exemplo, desconstrói a polarização entre a obra de arte e o espectador:

[...]exige espectadores que desempenhem o papel de intérpretes ativos, que elaborem sua própria tradução para apropriar-se da "história" e fazer dela sua própria história. Uma comunidade emancipada é uma comunidade de narradores e tradutores. (Rancière, 2012, p.25)

E em artigo publicado anteriormente o filósofo discute este ponto:

Ele deve ser impelido a abandonar o papel de observador passivo e assumir o papel do cientista que observa fenômenos e procura suas causas. Por outro lado, o espectador deve abster-se do papel de mero observador que permanece parado e impassível diante de um espetáculo distante. (RANCIÈRE, 2007, s/p)

Exatamente desta forma quase figurada estabelecemos limites, ainda em movimento. Porém estas estruturas são o fruto e a própria dobra, o que torna corrompíveis estes delineamentos de uma processo de pensamento, já que ele está em constante negociação. Alterações nos enunciados (DELEUZE, 2008) geram a desconstrução de uma hierarquia sugerida por espaços expositivos com corpos que estão aglutinados aos processos de subjetivação da obra, mas não sobrepostos. O Khôra é uma sugestão de habitat que o mediador atua como parte despolarizando os olhares e

direções – dentro, fora - e, principalmente, como fragmento deste plasma em que o artista propositor da obra insere o espectador; um teorização a partir de outro plano imanente para a apropriação espacial, na filosofia da diferença.

Um parangolé, valorações de uso, as discussões que o arquiteto e urbanista dinamarquês Jan Gehl vem propondo. Vazados e manchas são um convite à continuidade. A interrupção é, nestas relações em deslocamento, o espaço de reafirmação e recomposição do pensamento. Então, estabelecemos, desterritorializações das desterritorializações. Sair do espaço sala de aula para aprender em movimento, aquietar o corpo para dar sentido à transitoriedade. Alternâncias que geram sentido sendo, elas mesmas, enunciados de troca, invenção. Esta reinvenção espacial é diferente do que acontece nos corpos escolarizados (com determinâncias estruturais intrínsecas) durante a visita na galeria e é neste quase movimento que a mediação artística quer estar também. Recriando sentido para a partilha tão sugerida na arte contemporânea que acaba por ordenar distâncias tantas com saberes hierárquicos.

A estruturação sistêmica é experienciada a partir de uma desconstrução corpórea destes organismos artístico-educativos, possibilitando questionamentos da engrenagem em seus escaloneamentos, no processo mais intrínseco do saber artístico, o ato da criação. Durante o caminho de ida até a exposição, o que atrai a atenção do público não tem legendas ou escola de arte, mas está na produção de sentido deste espectador como um ensaio para o que nos acontecerá em atravessamentos possíveis com a arte, porém em sua trivialidade, propondo maior acesso à esse público ainda distante dos espaços de arte e suas discussões semânticas.

O desafio da pesquisa está em construir uma movimentação social que remói intraurbanamente as relações das cidades, produzindo atravessamentos pela arte/educação e interlocuções para a produção de referenciais teóricas urbanas. Para a democratização deste discurso, a pesquisa vem sendo compartilhada em espaços das grandes áreas que compõem o trajeto: arte, urbanismo e educação. Por fim, a práxis, não apenas como operação, mas como manifestação política da contemporaneidade e a constante ressignificação urbana, no seu sentido mais amplo.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G. (1997). O que as crianças dizem? In: G. Deleuze (Org.). *Crítica e clínica* (pp. 73-79). Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras
- DELEUZE, Gilles. *DOBRA, A - LEIBNIZ E O BARROCO*. São Paulo Editora: PAPIRUS; Ano de Ed, 1991.
- _____. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2013
- DELEUZE, GUATARRI, Gilles e Félix. *Mil platôs 2 - capitalismo e esquizofrenia / ; tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. —Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995 (Coleção TRANS)*
Tradução de : *Mille plateaux - capitalisme et schizophrénie*
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 38 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010
- _____. *Nascimento da Biopolítica. Curso no College de France (1978-1979)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

- GUATTARI, F. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo* (3ª ed., pp. 64-69). São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GUATTARI, E e ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- JACQUES, Paola. *Arquitextos. Corpografias Urbanas*, Vitruvius Revista Digital, 8 fev 2008. São Paulo Acessado em 12 outubro. 2016. Online. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>
- LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000
- LIMA, Mayumi Souza. *A cidade e a criança*. São Paulo: Nobel, 1989.
- NETTO, Vinícius. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.079/290>
- PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. *Mediação artística, uma tessitura em processo*. Revista Urdimento. Florianópolis: UDESC, 2011.
- OITICICA, H. *Aspiro ao Grande Labirinto*, Rio de Janeiro, Rocco, 1986.
- QUARONI, Ludovico. *Proyectar un Edificio - ocho lecciones de arquitectura*. Madrid: Xarait Ediciones, 1980.
- RANCIERE, Jacques. *O espectador emancipado*. Artigo publicado originalmente em inglês na revista "ArtForum" de março de 2007. Disponível em <<http://www.questaodecritica.com.br/2008/05/o-espectador-emancipado/>> Acesso: 20 de novembro de 2016
- RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2012
- SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. *Desconstrução e Arquitetura: uma abordagem a partir de Jacques Derrida*. - Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.
- SPINOZA, Baruch. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.